

Best seller do *New York Times*

“Tão brilhante e interessante quanto *Métrica*, *Pausa* é pura poesia.”
Jamie McGuire, autora de *Belo desastre*

P a u s a

(Slammed 2)



C O L L E E N H O O V E R

Obras da autora publicadas pela Galera Record

Métrica (Slammed)

Pausa (Slammed 2)

C O L L E E N H O O V E R

P a u s a

Tradução
Priscila Catão

1ª edição



G A L E R A R E C O R D
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2013

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Hoover, Colleen

H759p Pausa [recurso eletrônico] / Colleen Hoover; tradução Priscila Catão. - 1. ed.
- Rio de Janeiro: Galera Record, 2013.
recurso digital

Tradução de: Slammed: Point of Retreat

Sequência de: Métrica

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-01-10139-6 (recurso eletrônico)

1. Ficção infantojuvenil americana. 2. Livros eletrônicos. I. Catão, Priscila. II.
Título.

13-06116

CDD: 028.5

CDU: 087.5

Título original em inglês:

Slammed: Point of retreat

Copyright da edição em português brasileiro © 2013 Editora Record

Copyright © 2012 by Colleen Hoover

Publicado mediante acordo com a editora original, Atria Books, um selo da Simon & Schuster LTDA.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Composição de miolo da versão impressa: Abreu's System

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil
adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000,
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN: 978-85-01-10139-6



Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

Este livro é dedicado a todos que leram Métrica e que me incentivaram a continuar contando a história de Layken e Will.

Nota para o leitor

Pausa é o segundo romance de uma série de dois livros. Para o primeiro romance, *Métrica*, visite o site da autora: www.colleenhoover.com.

Prólogo

31 DE DEZEMBRO

“Resoluções de Ano-Novo”

Estou confiante de que esse vai ser nosso ano. Meu e de Lake.

Os últimos com certeza não foram muito bons para nós. Já faz mais de três anos que meus pais morreram inesperadamente, me deixando totalmente sozinho para cuidar do meu irmão caçula. O fato de Vaughn ter resolvido terminar nosso namoro de dois anos logo após a morte deles também não ajudou. Para completar, acabei tendo de abdicar da minha bolsa de estudos. Abandonar a universidade e voltar para Ypsilanti para me tornar o guardião legal de Caulder foi uma das decisões mais difíceis que já tomei... mas também uma das melhores.

Passei todos os dias do ano seguinte aprendendo a me adaptar. Como me adaptar à mágoa, à ausência de meus pais, a basicamente me tornar um pai e a única fonte de renda de uma família. Recapitulando, acho que eu não teria conseguido nada disso sem Caulder. Ele foi a única coisa que me fez prosseguir.

Nem me lembro da primeira metade do ano passado. Ele só começou para mim em 22 de setembro, o dia em que vi Lake pela primeira vez. Claro, o ano passado terminou sendo tão difícil quanto os anteriores, mas de uma forma completamente diferente. Nunca me senti mais vivo do que quando estava com ela — mas, considerando nossas circunstâncias, não podíamos ficar juntos. Então acho que não passei tanto tempo assim me sentindo vivo.

Este ano foi melhor, ao seu modo. Teve muita paixão, muito luto, muita recuperação e ainda mais adaptação. Julia faleceu em setembro. Não esperava

que a morte dela fosse me afetar tanto assim. Foi quase como perder minha própria mãe mais uma vez.

Sinto saudades da minha mãe. E sinto saudades de Julia. Ainda bem que tenho Lake.

Assim como eu, meu pai adorava escrever. Ele sempre me dizia que escrever seus pensamentos diários era terapêutico para a alma. Talvez uma das razões pelas quais tem sido tão difícil me adaptar nos últimos três anos seja porque não segui o conselho dele. Imaginei que participar de competições de slam algumas vezes ao ano seria “terapia” bastante para mim. Talvez eu estivesse errado. Quero que o próximo ano seja tudo que estou planejando: perfeito. Tendo dito (ou escrito) tudo isso, escrever é minha resolução de Ano-Novo. Mesmo que seja apenas uma palavra por dia, eu vou escrever... vou colocar para fora o que sinto.

parte
um

1.

QUINTA-FEIRA, 5 DE JANEIRO

Hoje eu fiz minha matrícula. Não consegui encaixar as aulas nos dias que queria, porém só tenho mais dois semestres, então fica difícil ser exigente quanto aos meus horários. Estou pensando em procurar novamente uma vaga de professor nas escolas locais depois do próximo semestre. Se tudo der certo, daqui a um ano estarei lecionando outra vez. Por enquanto, vou vivendo à custa dos empréstimos estudantis. Que bom que meus avós têm me apoiado enquanto faço meu mestrado. Não seria capaz de fazer isso sem eles, com certeza.

Hoje à noite vamos jantar com Gavin e Eddie. Acho que vou fazer cheeseburger. Sim, cheeseburger parece ótimo. É tudo que tenho para dizer agora...

— LAYKEN ESTÁ AQUI OU LÁ? — PERGUNTA EDDIE, espiando da porta da frente.

— Lá — respondo da cozinha.

Será que tem um aviso na minha casa sinalizando para as pessoas *não* baterem na porta? Lake nem bate mais, e pelo jeito Eddie também se sente bem à vontade por aqui. Ele atravessa a rua para ir à casa de Lake, e Gavin entra, batendo os nós dos dedos na porta. Não foi uma batida formal, mas pelo menos ele tentou.

— O que vamos comer? — pergunta ele. Tira os sapatos perto da porta e vem para a cozinha.

— *Cheeseburger*. — Entrego uma espátula a ele e aponto para o fogão, indicando que vire os hambúrgueres enquanto tiro as batatas fritas do forno.

— Will, você já percebeu que fazer a comida sempre sobra pra gente?

— Isso provavelmente não é algo ruim — argumento, enquanto solto as fritas da panela. — Lembra-se do fettuccine Alfredo de Eddie?

Ele faz uma careta.

— Bem lembrado — diz ele.

Chamo Kel e Caulder para virem arrumar a mesa. No último ano, desde que Lake e eu estamos juntos, Gavin e Eddie têm vindo jantar conosco pelo menos duas vezes por semana. Acabei tendo de comprar uma mesa de jantar, porque o balcão da cozinha estava ficando um pouquinho lotado.

— Oi, Gavin — diz Kel. Ele entra na cozinha e pega uma pilha de copos no armário.

— Oi — responde Gavin. — Já decidiu onde vai ser sua festa na semana que vem?

Kel dá de ombros.

— Não sei. Talvez no boliche. Ou podemos fazer algo aqui mesmo.

Caulder entra na cozinha e começa a arrumar os jogos americanos na mesa. Olho para trás e noto que eles estão colocando um jogo a mais.

— Vai vir mais alguém? — pergunto.

— Kel convidou Kiersten — diz Caulder num tom brincalhão.

Kiersten tinha se mudado para uma casa em nossa rua há cerca de um mês, e Kel parece ter uma quedinha por ela. Mas não admite isso. Ele está prestes a completar 11 anos, então Lake e eu já estávamos esperando que algo assim acontecesse. Kiersten é alguns meses mais velha e bem mais alta. As garotas chegam à puberdade primeiro, por isso talvez ele alcance a altura dela depois.

— Da próxima vez que convidarem alguém, me avisem. Agora vou precisar fazer outro hambúrguer. — Vou até a geladeira e tiro mais um.

— Ela não come carne — diz Kel. — É vegetariana.

Era de se esperar. Guardo o hambúrguer de novo na geladeira.

— Não tenho nenhuma carne de mentira. O que ela vai fazer? Comer pão?

— Posso comer pão sim — diz Kiersten, entrando pela porta da frente... sem bater. — Gosto de pão. De batata frita também. Só não como nada que seja resultado de homicídio animal injustificado. — Kiersten se aproxima da mesa, pega o rolo de papel-toalha e começa a rasgar as folhas, colocando uma ao lado de cada prato. Seu jeito confiante me lembra um pouco de Eddie.

— Quem é ela? — pergunta Gavin, observando Kiersten, que está bem à vontade. Ela nunca veio comer com a gente antes, mas ninguém desconfiaria ao ver como está comandando a organização.

— Ela é a vizinha de 11 anos sobre quem eu falei. A que eu acho que é uma impostora por causa das coisas que diz. Estou começando a suspeitar de que na verdade ela é uma anã fingindo ser uma criança ruiva.

— Ah, é dela que Kel gosta? — Gavin sorri, e percebo que ele já está com a mente em disparada, pensando em maneiras de envergonhar Kel durante o jantar. A noite vai ser interessante.

Gavin e eu ficamos bem próximos no último ano. Imagino que isso seja bom, considerando o quanto Eddie e Lake são amigas. Kel e Caulder também gostam bastante deles. É legal. Gosto do esquema que todos nós temos. Espero que as coisas continuem assim.

Eddie e Lake finalmente chegam enquanto estamos nos sentando à mesa. O cabelo molhado de Lake está preso num coque no topo da cabeça. Está de pantufas, calça de moletom e uma camiseta. Adoro isso — o fato de ela se sentir tão à vontade aqui. Ela senta-se ao meu lado, inclina-se e me dá um beijo na bochecha.

— Obrigada, amor. Desculpe a demora. Estava tentando me matricular em estatística, mas a turma já está cheia. Acho que amanhã vou

ter de bajular alguém na administração.

— Por que você quer fazer estatística? — pergunta Gavin. Ele pega o catchup e o espreme por cima do prato.

— Fiz álgebra II no minissemestre de inverno. Estou tentando me livrar logo de todas as disciplinas ligadas a matemática no primeiro ano, pois odeio muito. — Lake pega o catchup das mão de Gavin e o espreme no meu prato, depois no próprio prato.

— Por que está com tanta pressa? Você já fez mais créditos que eu e Eddie juntos — diz ele. Eddie concorda com a cabeça e dá uma mordida no sanduíche.

Lake meneia a cabeça em direção a Kel e Caulder.

— Já tenho mais *crianças* para cuidar que você e Eddie juntos. É por *isso* que estou com tanta pressa.

— Você vai se formar em quê? — pergunta Kiersten para Lake.

Eddie olha para Kiersten, finalmente percebendo que tem uma pessoa nova sentada à mesa.

— Quem é você?

Kiersten olha para Eddie e sorri.

— Meu nome é Kiersten. Moro na diagonal de Will e Caulder, e em paralelo a Layken e Kel. A gente veio de Detroit pra cá um pouco antes do Natal. Mamãe diz que a gente estava precisando sair da cidade antes que a cidade saísse da gente... sei lá o que isso significa. Tenho 11 anos. Tenho 11 anos desde 11/11/11. Foi um dia bem importante, sabe? São poucas as pessoas que podem dizer que fizeram 11 anos em 11/11/11. Fiquei um pouco triste por ter nascido às 15h. Se eu tivesse nascido às 11h11, tenho certeza de que eu teria virado notícia ou algo assim. Eu poderia ter gravado a matéria e colocado no meu portfólio. Quero ser atriz quando crescer.

Eddie, assim como todos nós, fica olhando para Kiersten sem responder nada. Kiersten não percebe, se vira para Lake e repete a pergunta:

— Você vai se formar em quê, Layken?

Lake coloca o hambúrguer no prato e pigarreia. Eu sei o quanto ela odeia essa pergunta. Ela tenta responder com segurança:

— Não decidi ainda.

Kiersten olha para ela com pena.

— Entendo. Os famosos indecisos. Meu irmão mais velho está repetindo o segundo ano da faculdade há três anos. Ele já tem créditos suficientes para se formar em cinco áreas diferentes. Acho que continua sem decidir porque prefere dormir até tarde todos os dias, ficar em sala de aula por umas três horas e sair toda noite em vez de se formar e arranjar um emprego de verdade. Mamãe diz que isso não é verdade, que é porque ele está tentando “descobrir seu verdadeiro potencial”, investigando tudo que acha interessante. Em minha opinião, isso tudo é a maior merda.

Engasgo quando o gole que acabei de dar tenta voltar por causa da minha risada.

— Você disse “merda”! — comenta Kel.

— Kel, não diga “merda”! — diz Lake.

— Mas ela disse “merda” primeiro — rebate Caulder, defendendo Kel.

— Caulder, não diga “merda”! — grito.

— Desculpem — diz Kiersten para Lake e para mim. — Mamãe diz que a FCC é a responsável por inventar palavrões só para ter algum poder de choque dentro da mídia. Ela diz que se todos falassem mais palavrões, eles deixariam de ser considerados palavrões e ninguém mais ficaria ofendido com eles.

É difícil acompanhar essa menina!

— Sua mãe *incentiva* você a falar palavrões? — pergunta Gavin.

Kiersten faz que sim com a cabeça.

— Enxergo isso de outra maneira. É mais como se ela estivesse nos incentivando a sabotar um sistema que é defeituoso por causa do uso exagerado de palavras interpretadas como xingamentos, quando na

verdade são apenas letras misturadas, como qualquer outra palavra. É só isso que elas são, letras misturadas. Tipo, pegue a palavra “borboleta”, por exemplo. E se um dia alguém decidisse que “borboleta” é um palavrão? As pessoas acabariam usando “borboleta” como um insulto, para enfatizar coisas de maneira negativa. A *palavra* mesmo não significa nada. É o sentido negativo que as pessoas associam a ela que a transforma. Então se a gente simplesmente decidisse continuar falando “borboleta” o tempo inteiro, as pessoas não ligariam mais. O poder de choque da palavra diminuiria, e ela passaria a ser um termo comum. É assim com todos os supostos palavrões. Se a gente começasse a repeti-los o tempo inteiro, eles deixariam de ser palavrões. Enfim, é isso que minha mãe diz. — Ela sorri, pega uma batata frita e a mergulha no catchup.

Durante as visitas de Kiersten, sempre me pergunto como foi que ela virou o que virou. Ainda não conheci a mãe dela, mas, pelo que já ouvi, definitivamente não é muito normal. Está na cara que Kiersten é mais inteligente que a maioria das crianças de sua idade, mesmo que de um jeito meio estranho. As coisas que saem de sua boca fazem Kel e Caulder parecerem relativamente normais.

— Kiersten? — diz Eddie. — Quer ser minha nova melhor amiga?

Lake pega uma batata frita de seu prato e a joga em Eddie, atingindo-a no rosto.

— Deixe de merda — diz Lake.

— Ah, vá se *borboletar* — implica Eddie, e joga uma batata frita em Lake.

Eu pego a batata no ar, esperando evitar mais uma guerra de comida como a que aconteceu na semana anterior. Ainda estou encontrando brócolis por todo canto.

— Parem — digo, colocando a batata frita na mesa. — Se vocês duas começarem outra guerra de comida na minha casa, vai ser a maior borboleta para as *duas*!

Lake percebe que estou falando sério. Ela aperta minha perna por debaixo da mesa e muda de assunto.

— Hora do chato-e-legal.

— Hora do chato-e-legal? — pergunta Kiersten, confusa.

Kel explica:

— É quando você tem de contar o que foi legal e o que foi chato no seu dia. O que foi bom e o que foi ruim. A melhor e a pior parte. Os altos e os baixos. A gente faz isso em todos os jantares.

Kiersten meneia a cabeça, compreendendo.

— Eu começo — diz Eddie. — A matrícula hoje foi bem chata. Fiquei com aulas nas segundas, quartas e sextas. Terça e quinta estava tudo lotado.

Todo mundo prefere os horários de terça e quinta. As aulas são mais longas, porém vale a pena, pois a pessoa só precisa ir duas vezes na semana em vez de três.

— O *legal* foi conhecer Kiersten, minha nova melhor amiga — diz Eddie, fulminando Lake com o olhar.

Lake pega outra batata frita e a joga em Eddie. Ela se abaixa, e a batata passa por cima de sua cabeça. Pego o prato de Lake e o puxo para meu outro lado, longe do alcance dela.

Lake dá de ombros e sorri para mim.

— Desculpe. — Ela tira uma batata frita do meu prato e a enfia na boca.

— Sua vez, Sr. Cooper — diz Eddie. Ela ainda me chama assim, principalmente quando quer enfatizar que estou sendo “entediante”.

— A matrícula também foi o meu chato. Peguei segundas, quartas e sextas.

Lake se volta para mim, chateada.

— O quê? Achei que fôssemos escolher aulas de terça e quinta.

— Tentei, amor. Mas eles não têm aulas do meu nível nesses dias. Eu te mandei uma mensagem avisando.

Ela faz um bico.

— Cara, isso é superchato — diz ela. — E eu não recebi sua mensagem. Não consigo encontrar meu telefone de novo.

Ela sempre perde o telefone.

— Qual foi o legal do seu dia? — pergunta Eddie para mim.

Essa é fácil.

— O legal está sendo exatamente agora — digo, enquanto beijo Lake na testa.

Kel e Caulder gemem.

— Will, *toda* noite você diz que este é o legal do dia — comenta Caulder, irritado.

— Minha vez — diz Lake. — Já para mim, a matrícula foi o legal. Não me decidi ainda em relação à estatística, mas as outras quatro matérias estão exatamente como eu queria. — Ela olha para Eddie e continua: — O chato foi perder minha melhor amiga para uma menina de 11 anos.

Eddie ri.

— Quero participar — pede Kiersten. Ninguém se opõe. — Pra mim o chato foi jantar pão — diz ela, olhando para o prato.

Ela é atrevida. Jogo mais um pedaço de pão em seu prato.

— Da próxima vez que aparecer para jantar na casa de um carnívoro sem ser convidada, talvez seja melhor levar sua própria carne de mentira.

Ela ignora meu comentário.

— O legal foi às 15h.

— O que aconteceu às 15h? — pergunta Gavin.

Kiersten dá de ombros.

— As aulas acabaram. Eu *odeio* essa borboleta de escola.

As três crianças olham umas para as outras, como se houvesse um acordo tácito entre elas. Mais tarde perguntarei a Caulder a respeito. Lake me dá uma cotovelada e lança um olhar questionador, demonstrando que está pensando a mesma coisa.

— É a sua vez, seja lá qual for seu nome — continua Kiersten para Gavin.

— Meu nome é Gavin. E hoje o chato foi ver que uma menina de 11 anos tem um vocabulário maior que o meu — diz ele, sorrindo para Kiersten. — O legal é meio que uma surpresa. — Ele olha pra Eddie e fica aguardando a reação dela.

— O que é? — diz Eddie.

— É, o que é? — acrescenta Lake.

Também fico curioso. Gavin só faz recostar-se na cadeira, sorrindo, esperando que a gente adivinhe.

Eddie dá um empurrão nele.

— Conta! — insiste ela.

Ele se inclina para a frente e bate as mãos na mesa.

— Consegui um emprego! No Getty's, entregando pizza! — Por alguma razão, ele está contente com isso.

— *Isso* é o legal do seu dia? Você virou entregador de pizza? — pergunta Eddie. — Para mim, isso está mais para algo chato.

— Você sabe que eu estava procurando emprego. E é no Getty's. A gente adora o Getty's!

Eddie revira os olhos.

— Bem, então parabéns — diz ela, de maneira não muito convincente.

— A gente vai comer pizza de graça, então? — pergunta Kel.

— Não, mas vamos ter desconto — responde Gavin.

— Então esse é o legal do meu dia — diz Kel. — Pizza barata! — Gavin parece ficar contente ao ver que alguém está animado com a novidade. — Hoje a diretora Brill foi o chato do meu dia.

— Ai meu Deus, o que ela fez? — pergunta Lake. — Ou, melhor, o que *você* fez?

— Não foi só eu — diz Kel.

Caulder coloca o cotovelo na mesa e tenta esconder o rosto do meu campo de visão.

— O que você fez, Caulder? — pergunto. Ele abaixa a mão e olha para Gavin. Este apoia o cotovelo na mesa e também desvia o rosto do meu campo de visão. Ele continua comendo enquanto ignora meu olhar.

— Gavin? Que brincadeira você ensinou a eles dessa vez?

Gavin pega duas batatas fritas e joga em Kel e Caulder.

— Parei! Não vou contar mais nenhuma história para vocês dois. Toda vez vocês se metem em encrenca! — Kel e Caulder riem e jogam as batatas de volta nele.

— Eu posso dedurá-los, não me importo — diz Kiersten. — Eles se meteram em encrenca na hora do almoço. A Sra. Brill estava do outro lado do refeitório, e eles estavam tentando inventar algum jeito de fazê-la sair correndo. Todo mundo sabe que ela cambaleia como um pato quando corre, e a gente queria ver isso. Então Kel fingiu estar se engasgando, e Caulder fez o maior teatro, se colocou atrás dele e começou a bater em suas costas, fingindo fazer a manobra de Heimlich. A Sra. Brill surtou! Quando ela chegou à nossa mesa, Kel alegou estar melhor. Ele disse para a Sra. Brill que Caulder havia salvado a vida dele. E teria sido ótimo se a história tivesse acabado aí, mas ela já tinha dito para alguém ligar para a emergência. Em questão de minutos, duas ambulâncias e um caminhão de bombeiros chegaram à escola. Um dos garotos da mesa ao lado contou para a Sra. Brill que foi tudo fingimento, então Kel foi para a diretoria.

Lake inclina-se para a frente e fulmina Kel com o olhar.

— Por favor, diga que ela está brincando.

Kel olha para cima com uma expressão inocente.

— Era uma brincadeira. Não achei que ninguém fosse ligar para a emergência. Agora vou ter de passar a próxima semana inteira na detenção.

— Por que a Sra. Brill não me ligou? — pergunta Lake para ele.

— Tenho certeza de que ela ligou — disse ele. — Você perdeu seu telefone, não lembra?

— Argh! Se ela me chamar para uma conversa mais uma vez, você vai

ficar de castigo!

Viro-me para Caulder, que está evitando meu olhar.

— Caulder, e você? Por que a Sra. Brill não me ligou?

Ele se vira para mim e abre um sorriso travesso.

— Kel mentiu por mim. Disse que eu pensei que ele estivesse se engasgando de verdade, que eu estava tentando salvar a vida dele — explicou. — E foi esse o legal do meu dia. Fui recompensado pelo meu comportamento heroico. A Sra. Brill me deu autorização para passar duas aulas na biblioteca.

Só mesmo Caulder para encontrar um jeito de ser recompensado em vez de precisar ficar em detenção.

— Vocês dois têm de parar com isso — digo para eles. — E Gavin, não conte mais nenhuma história de brincadeiras.

— Sim, Sr. Cooper — afirma Gavin sarcasticamente. — Mas uma coisa eu preciso saber — diz ele, olhando para as crianças —, ela cambaleia mesmo?

— Sim. — Kiersten ri. — Ela cambaleia muito. — Então olha para Caulder. — Qual é o seu chato de hoje, Caulder?

Ele fica sério.

— Meu melhor amigo quase morreu engasgado. Ele poderia ter *morrido*.

Todos nós rimos. Por mais que eu e Lake tentemos ser responsáveis, às vezes é difícil dar ordens e ser irmão ao mesmo tempo. Temos de saber escolher as batalhas com os meninos, e Lake costuma dizer que é importante que não sejam muitas. Olho para ela e vejo que está rindo, então imagino que não vá querer discutir por causa disso.

— Agora posso terminar de comer? — diz Lake, apontando para o seu prato, que ainda está do meu outro lado, fora do alcance dela. Empurro o prato de volta para ela.

— Obrigada, Sr. Cooper — brinca ela.

Dou uma joelhada nela por debaixo da mesa. Ela sabe que odeio quando me chama assim. Não sei por que me incomodo tanto. Provavelmente porque, quando eu era de fato professor dela, foi uma tortura. Nosso envolvimento aconteceu muito rápido naquela primeira noite que saímos. Eu nunca tinha conhecido ninguém com que me divertisse tanto sendo exatamente quem eu era. Passei o fim de semana inteiro pensando nela. No instante a vi parada em frente à minha sala de aula, senti como se meu coração tivesse sido arrancado do peito. Percebi imediatamente o que ela estava fazendo lá, embora ela tivesse demorado um pouco mais para se dar conta do que se passava. Quando ela descobriu que eu era um professor, a expressão que surgiu em seus olhos me deixou completamente arrasado. Ela estava magoada. De coração partido. Assim como eu. De uma coisa tenho certeza — nunca mais quero ver aquele olhar outra vez.

Kiersten se levanta e leva o prato para a pia.

— Preciso ir. Valeu pelo pão, Will — agradece ela sarcasticamente. — Estava delicioso.

— Também preciso ir. Acompanho você até sua casa — diz Kel. Ele pula da cadeira e a segue até a porta. Olho para Lake, que revira os olhos. Ela se incomoda com o fato de Kel estar vivendo sua primeira paixão. Lake não gosta de lembrar que em breve teremos de lidar com hormônios adolescentes.

Caulder se levanta.

— Vou assistir à televisão no meu quarto — avisa ele. — Até mais tarde, Kel. Tchau, Kiersten. — Os dois se despedem enquanto vão embora.

— Adorei essa garota — diz Eddie, depois que Kiersten vai embora. — Espero que Kel a peça em namoro. Espero que eles cresçam juntos e se casem e tenham um monte de filhos bizarros. Espero que ela fique na nossa família para sempre.

— Cale a boca, Eddie — repreende Lake. — Ele só tem 10 anos. É jovem demais para ter uma namorada.

— Na verdade, ele vai fazer 11 em oito dias — diz Gavin. — Onze é a idade ideal para a primeira namorada.

Lake enche a mão de batatas fritas e as joga no rosto de Gavin.

Eu só faço suspirar. É impossível controlá-la.

— Hoje você vai limpar tudo — digo para ela. — Você também — falo para Eddie. — Gavin, vamos ver o jogo de futebol como homens de verdade enquanto as mulheres fazem o trabalho delas.

Gavin empurra seu copo para perto de Eddie.

— Encha o copo, mulher. Está na hora do futebol.

Enquanto Eddie e Lake limpam a cozinha, aproveito a oportunidade para pedir um favor a Gavin. Lake e eu não tivemos nenhum tempo a sós nas últimas semanas por cuidarmos sempre dos garotos. Estou realmente precisando ficar com ela.

— Você e Eddie poderiam levar Kel e Caulder ao cinema amanhã à noite?

Ele não responde de imediato, fazendo eu me sentir culpado por ao menos perguntar. Talvez eles já tivessem planos.

— Depende — responde ele finalmente. — Temos de levar Kiersten também?

Eu rio.

— Quem decide isso é a sua namorada. Ela que é a nova melhor amiga de Kiersten.

Gavin revira os olhos.

— Sem problemas, a gente queria ir ao cinema mesmo. Que horas? Quanto tempo você quer que eles fiquem conosco?

— Não importa. Não vamos para lugar nenhum. Só preciso de umas horinhas a sós com Lake. Quero dar uma coisa a ela.

— Ah... entendi — diz ele. — Então é só mandar uma mensagem quando terminar de “dar uma coisa para ela” que nós trazemos os garotos para casa.

Balanço a cabeça ao perceber o que ele presumiu e rio. Gosto de Gavin. O que odeio, entretanto, é o fato de que tudo que acontece entre

mim e Lake, e entre Gavin e Eddie... todos nós ficamos *sabendo*. Esse é o lado ruim de namorar melhores amigas: não existe nenhum segredo entre elas.

— Vamos — diz Eddie, enquanto faz Gavin se levantar do sofá. — Obrigada pelo jantar, Will. Joel quer que vocês venham comer conosco no próximo fim de semana. Ele disse que vai fazer tamales.

Não sou de recusar tamales.

— Combinado, então — digo.

Depois que Eddie e Gavin vão embora, Lake vem para a sala de estar e se senta no sofá, cruzando as pernas sob o corpo enquanto se aconchega a mim. Coloco o braço ao redor dela e a puxo para perto.

— Estou triste — diz ela. — Queria que a gente pelo menos tivesse aulas nos mesmos dias esse semestre. Nunca ficamos a sós com essas borboletas de crianças correndo pelos cantos.

Seria de se esperar que, por morarmos um na frente do outro, tivéssemos todo o tempo do mundo para ficar juntos. Mas não é o caso. No último semestre, Lake tinha aulas às segundas, quartas e sextas, e eu, todos os dias. No fim de semana tínhamos o dever de casa, mas passávamos a maior parte do tempo envolvidos com os esportes de Kel e Caulder. Quando Julia faleceu, em setembro, Lake acumulou ainda mais tarefas. Foi um período de ajuste, para dizer o mínimo. A única coisa que tem nos faltado é nosso tempo a sós. Se os garotos estão numa das casas, fica esquisito irmos para a outra. Parece que eles sempre nos seguem aonde quer que a gente vá.

— Vamos dar um jeito — digo. — Sempre damos um jeito.

Ela puxa meu rosto e me beija. Já faz mais de um ano que a beijo todos os dias e continuo achando cada vez melhor.

— É melhor eu ir — diz ela finalmente. — Preciso acordar cedo e ir à faculdade para finalizar a matrícula. Também quero ver se Kel não está por aí se agarrando com Kiersten.

Nós rimos disso agora, mas em alguns anos será nossa realidade. Não teremos nem 25 anos e estaremos criando adolescentes. É uma ideia assustadora.

— Espere. Antes de você ir... quais são seus planos para amanhã à noite?

Ela revira os olhos.

— Que tipo de pergunta é essa? Você é meu plano. Você sempre é meu único plano.

— Ótimo. Eddie e Gavin vão cuidar dos garotos. Me encontra às 19h?

Ela se anima e sorri.

— Está querendo um encontro de verdade comigo, é?

Faço que sim com a cabeça.

— Bem, você é péssimo com essas coisas. Sempre foi. Às vezes, as garotas preferem que o cara *pergunte* se ela quer sair, e não que ele simplesmente *diga* quando é o encontro.

Ela está tentando dar uma de difícil, o que é inútil, pois já é minha. Entro na brincadeira mesmo assim. Eu me ajoelho diante dela e olho em seus olhos.

— Lake, você me dá a honra de me acompanhar num encontro amanhã à noite?

Ela se recosta no sofá e desvia o olhar.

— Não sei, estou meio ocupada — diz ela. — Vou ver minha agenda e depois aviso.

Lake tenta parecer entediada, mas um sorriso irrompe em seu rosto. Ela se inclina para a frente e me abraça; eu perco o equilíbrio, e nós dois caímos no chão. Eu a rolo para que fique de barriga para cima e ela olha para mim, rindo.

— Tá bom. Pode me buscar às 19h.

Afasto o cabelo de seus olhos e passo o dedo em sua bochecha.

— Eu amo você, Lake.

— Diz de novo — pede ela.

Beijo a bochecha dela e repito:

— Eu amo você, Lake.

— Mais uma vez.

— Eu. — Beijo os lábios dela. — Amo. — Beijo-os novamente. —
Você.

— Também amo você.

Acomodo meu corpo em cima do dela, e entrelaçamos os dedos. Levo nossas mãos para acima da cabeça dela e as pressiono no chão. Em seguida, me inclino como se fosse beijá-la, mas não a beijo. Gosto de brincar com ela quando estamos nessa posição. Quando meus lábios encostam um pouquinho nos dela, Lake fecha os olhos, e eu me afasto. Ela abre os olhos, eu sorrio e me inclino novamente. Assim que ela fecha os olhos, eu me afasto mais uma vez.

— Droga, Will! Me dá uma borboleta de beijo!

Ela agarra meu rosto e puxa minha boca sobre a dela. Continuamos nos beijando até chegarmos à “hora de recuar”, como ela gosta de chamar. Ela sai de baixo de mim e senta sobre os joelhos enquanto deito de costas para baixo e continuo no chão. Não gostamos de nos empolgar muito quando não estamos a sós na casa. É muito fácil acontecer isso. Quando estamos indo longe demais, um de nós sempre percebe e pausa.

Antes de Julia falecer, eu e Lake cometemos um erro: fomos longe demais quando ainda era cedo. Foi um erro crucial de minha parte. Fazia apenas duas semanas que estávamos namorando oficialmente, e Caulder tinha ido dormir na casa de Kel. Lake e eu voltamos para minha casa após assistirmos a um filme. Começamos a nos agarrar no sofá, uma coisa foi levando à outra, e nenhum de nós queria parar. Não estávamos transando, mas era o que teríamos feito se Julia não tivesse aparecido. Ela surtou completamente. Ficamos envergonhadíssimos. Ela deixou Lake de castigo, sem poder me ver por duas semanas. E nessas duas semanas eu pedi desculpas a ela um milhão de vezes.

Julia sentou conosco e nos fez jurar que esperaríamos pelo menos um ano. Ela obrigou Lake a começar a tomar pílula anticoncepcional e me fez

olhar nos olhos dela e jurar. Ela não ficou chateada com o fato de sua filha de 18 anos quase ter transado. Julia era bastante sensata e sabia que isso aconteceria em algum momento. O que a magoou foi o fato de eu estar tão disposto a tirar isso de Lake após apenas duas semanas de namoro. Fiquei me sentindo incrivelmente culpado, então aceitei a promessa. Ela também queria que a gente servisse de exemplo para Kel e Caulder, então também pediu para que não dormíssemos um na casa do outro durante aquele ano. Depois que Julia faleceu, mantivemos a promessa. Mais por respeito a Julia do que qualquer outra coisa. Só Deus sabe o quanto isso é difícil às vezes. Muitas vezes.

Não mencionamos o assunto, mas na semana anterior havia completado exatamente um ano que tínhamos feito a promessa a Julia. Não quero pressionar Lake a fazer nada; quero que seja uma decisão completamente dela, então nem trouxe o assunto à tona. Nem ela. Mas também não tivemos nenhum momento a sós.

— Hora de recuar — avisa ela, e se levanta. — Até amanhã à noite. Às 19h. Não se atrase.

— Vá achar seu telefone e me mande uma mensagem de boa noite — digo a ela.

Ela abre a porta e olha para mim enquanto sai da casa, fechando a porta lentamente.

— Mais uma vez? — pede ela.

— Eu amo você, Lake.

2.

SEXTA-FEIRA, 6 DE JANEIRO

Daqui a pouco darei o presente de Lake. Nem sei direito o que é, pois não fui eu que escolhi. Não consigo mais escrever agora, pois minhas mãos estão tremendo. Como é que esses encontros ainda me deixam tão nervoso? Sou ridículo.

— GAROTOS, NADA DE FALAR DE TRÁS PARA A FRENTE HOJE à noite. Vocês sabem que Gavin não consegue acompanhar quando fazem isso. — Então me despeço e fecho a porta depois que eles saem.

São quase 19h. Vou ao banheiro, escovo os dentes, em seguida pego as chaves e o casaco e sigo para o carro. Percebo que Lake está me observando da janela. Ela provavelmente nunca se tocou disso, mas sempre percebi quando ela estava me observando da janela. Principalmente nos meses antes de começarmos a namorar. Todo dia eu chegava em casa e via sua sombra. Foi isso que me deu esperança de que um dia ficaríamos juntos: o fato de ela continuar pensando em mim. Mas após nossa briga na área de serviço, ela parou de me observar da janela. Achei que tivesse estragado tudo de vez.

Saio de ré da entrada da minha garagem e vou diretamente para a de Lake. Deixo o motor ligado e dou a volta para abrir a porta do passageiro. Ao voltar para dentro do carro, sinto seu perfume. É aquele de baunilha, meu preferido.

— Aonde vamos? — pergunta ela.

— Você vai ver. É surpresa — digo, enquanto dou a partida. Em vez de ir para a rua, volto para minha casa. Desligo a ignição, dou a volta no carro mais uma vez e reabro a porta para ela.

— O que está fazendo, Will?

Seguro a mão dela e a puxo para fora.

— Chegamos.

Adoro ver a expressão confusa dela, então não conto mais nada.

— Você me convida para um encontro e me traz para sua casa? Eu me arrumei toda, Will! Quero ir a algum lugar.

Ela está resmungando. Eu rio, seguro a mão dela e a levo para dentro.

— Não, *você* me obrigou a convidá-la para um encontro. Nunca falei que íamos sair. Só perguntei se tinha algum plano para hoje.

Eu já havia preparado uma massa, então vou para a cozinha e pego nossos pratos. Em vez de arrumar a mesa, levo os pratos para a mesa de centro da sala de estar. Ela tira o casaco, parecendo um pouco decepcionada. Continuo a evitá-la enquanto preparo nossas bebidas e depois me sento no chão com ela.

— Não estou querendo parecer ingrata — diz ela, com a boca cheia.
— É que parece que nunca mais saímos. Eu estava ansiosa para fazer alguma coisa diferente.

Bebo um gole e limpo a boca.

— Amor, eu entendo. Mas esta noite meio que já foi planejada para nós.

Jogo outro pãozinho no prato dela.

— Como assim, *planejada* para nós? Não estou entendendo — diz ela.

Não respondo. Simplesmente continuo comendo.

— Will, me conte logo o que está acontecendo. Seu jeito evasivo está me deixando nervosa.

Sorrio para ela e tomo mais um gole.

— Não quero deixar você nervosa. Estou fazendo o que me pediram.

Ela percebe que estou adorando a situação, então desiste de insistir e come mais um pouco.

— Pelo menos a massa está boa — diz ela.

— E você está bem bonita.

Ela sorri, pisca para mim e continua comendo.

Hoje ela está com o cabelo solto. Adoro quando usa o cabelo assim. Também adoro quando o prende. Na verdade, acho que nunca a vi arrumar o cabelo de algum jeito que eu não tenha adorado. Ela é tão incrivelmente linda, especialmente quando não está tentando ficar bonita. Percebo que a estava encarando, perdido em meus pensamentos. Comi apenas metade do prato, e ela já está quase terminando.

— Will? — Ela limpa a boca com o guardanapo. — Isso tem alguma coisa a ver com minha mãe? — pergunta ela baixinho. — Tipo... a promessa que fizemos para ela?

Sei o que ela está me perguntando. Imediatamente, fico me sentindo culpado por não ter pensado no que ela acharia de minhas intenções para essa noite. Não quero de maneira alguma que pense que estou esperando algo dela.

— Não desse jeito, amor. — Estendo o braço e seguro a mão dela. — Essa noite não tem a ver com isso. Desculpe se foi o que achou. Isso fica para outro dia... quando você estiver pronta.

Ela sorri para mim.

— Bem, se esse fosse o motivo, eu não ia reclamar.

O comentário dela me surpreende. Acostumei-me tanto ao fato de um de nós dois sempre pedir para recuar que nem pensei que talvez hoje houvesse alternativa.

Lake parece envergonhada por ter sido tão direta, e fica olhando para o prato. Ela parte um pedaço de pão e o afunda no molho. Ao terminar de mastigar, dá um gole na bebida e olha para mim.

— Antes — sussurra ela sem muita firmeza —, quando perguntei se isso tinha a ver com minha mãe, você respondeu “não desse jeito”. O que

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Pausa"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).